O existencialismo no moderno romance brasileiro: José Fernandes (MS)
Presidência: Ivanette Silveira (PB)

> *se a descrição da essência corresponde à filosofia propriamente dita, só o romance permitirá reconstuir, em sua verdade completa, singular e temporal, o fluxo original da existência.*
>
> *Simone de Beauvoir*

> *O 'sentido da existência' é, de fato, o centro em torno do qual se move o romance.*
>
> *Walter Benjamin*

Um estudo sobre literatura e filosofia, voltadas para a existência, requer, não a delimitação dos campos de ação da arte e da metafísica, mas o exame das causas que as levam a agirem conjuntamente, para a fiel revelação da existência do homem no mundo contemporâneo. Preocupação que se justifica pelos constantes e baldados empreendimentos do homem visando à perfeição do existir.

As especulações filosóficas em torno da vida e da felicidade remontam aos primórdios da filosofia, como no estoicismo e no platonismo. A sistematização de uma filosofia da existência, entretanto, somente teve lugar nas décadas que permeiam as duas grandes guerras. Circunscrita, inicialmente, à órbita filosófica, durante e após a segunda guerra estendeu-se às artes, inserindo-se, de modo especial, na literatura. Os motivos parecem simples e evidentes: perscrutar a existência, redimensionar seus valores na depuração ou na niilização da condição humana, reclamaram mais que o **abstrato**, mais que o puramente especulativo; requereram a **concretude** filosófico-literária do existencialismo ontológico, caracterizado

---

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor de Literatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

"por uma concepção singularmente dramática do destino do homem"[1] e, conseguintemente, por um profundo humanismo.

A existência – seus valores e sua essência – é móbil e concreta. Ora, a reestruturação do homem e da existência é, indefectivelmente, um processo que demanda o homem em movimento, o homem existindo e sendo. Desta forma, perceberam os existencialistas que a reafirmação dos valores da existência é possível unicamente na vida, mediante o retrato vivo e ousado dos horrores do existir, possível na arte literária. Não se trata, como diz Simone de Beauvoir, "de que o escritor explore, no plano literário, verdades previamente estabelecidas no plano filosófico, mas de manifestar um aspecto da experiência metafísica que não pode expressar-se de outro modo: seu caráter subjetivo, singular, dramático, e também, sua ambigüidade."[2]

O princípio básico da filosofia existencialista é instalar o homem em sua subjetividade, torná-lo responsável por aquilo que é. Assim, para Sartre, "o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência."[3] Considerando que o próprio existencialismo mostra o homem vítima de um sistema prepotente que lhe dita as ações, que lhe dirige os passos, parece contraditória esta assertiva. Por outro lado, deve-se ponderar também que o homem é liberdade e, na liberdade, é ele plenipotente e responsável por todos os homens e não só por sua individualidade. Sob esta ótica é que Sartre diz que o existencialismo é "uma doutrina que torna a vida possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana."[4] Em outras palavras, o existencialismo, tal como se empregará aqui este termo, é a interrogação constante do universo e do homem no caos da existência, no risco insuperável do existir e do ser.

Ante as contingências que se acercam do ser existente e ante a sua submissão a um sistema infinitamente superior à sua humanidade, não pode o ser do homem, na existência, ser essencialmente indivíduo e responsável único pela trajetória existencial, mas um ser que luta inutilmente para se individuar. Daí a afirmação de Emmanuel Carneiro Leão de que "O homem só é homem, quando realiza sua humanidade como 'sujeito'

---

1 MOUNIER, Emmanuel: **Introduction aux existencialismes.** Paris, Denoel, 1946. p. 47.

2 VEAVOIR, Simone de. Littérature et métaphysique, **Les temps modernes.** Paris /s. indic. de n./: 1153 – 1163, 1 abr. 1946.

3 FERREIRA, Vergílio ? SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Lisboa, Presença, 1978. p. 218.

4 Idem, p. 209.

da objetividade."[5] No estado de contingência em que se encontra, entretanto, é ele, não sujeito, mas objeto de objeto. É necessário, pois, restabelecer **ahumanidade** e a **sujetividade** do homem. Essa é fundamentalmente a finalidade do atual relacionamento de literatura e filosofia existencialistas. Assim, literatura e filosofia são, basicamente, humanismo que, no pensamento de Emmanuel Carneiro Leão, se estriba sempre na interpretação metafísica do homem.[6]

Desde o momento em que a literatura abandonou suas tradicionais fórmulas de expressar o homem, analisando simplesmente **o que ele é, ou como ele é**, para interrogar **o porquê** e **o para quê**, deixou ela de ser unicamente uma arte de deleite, uma arte de contar histórias, para ser uma **arte metafísica** que se propõe não somente explicar o universo e descobrir suas condições e possibilidades, mas formular uma experiência do mundo, um contato com o cosmos e com o homem ontologicamente diferenciados e inseridos no complexo dos problemas da existência. Para Merleau-Ponty, a partir deste momento, "as tarefas da literatura e da filosofia já não podem andar separadas. Quando se trata de dar voz à experiência do mundo e de mostrar como a consciência escapa pelo mundo, uma já não pode deixar de conseguir uma transparência perfeita de expressão. A expressão filosófica assume as mesmas ambigüidades que a expressão literária, posto que o mundo está feito de tal modo que não pode ser expresso, senão através de 'histórias' e mostrado como que com o dedo."[7]

Destarte, a literatura brasileira, a partir dos decênios 40 e 50, não pode eximir-se da tarefa ingente – unicamente sua – de revelar a inteireza do homem e do mundo no tempo, de descobrir as relações e os sentidos das suas contradições, de abranger as dimensões, que se ampliam no espaço e se reduzem no tempo, no interior das quais se desenrolam os eventos mais importantes da história contemporânea e se cumprem os destinos do homem e do mundo. Somente uma literatura altamente metafísica pode exprimir esta compreensão, esta multiplicação da realidade, próprias dos tempos modernos, tempos de radicais transformações sociais e técnico-científicas que colocam o homem de hoje em situação de constante expectativa com relação ao futuro.

Após estas reflexões, dada a exigüidade do tempo, procuraremos verificar como a filosofia da existência está presente na elaboração do texto literário. Para isso, utilizar-nos-emos dos romances **Perto do coração**

---

5 LEÃO, Emmanuel Carneiro. Introdução. In: HEIDEGGER, Martin. **Sobre o humanismo.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967. p. 17.

6 Idem, p. 12.

7 MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sentido y sinsentido.** Barcelona, Península, 1977. p. 59 – 60.

selvagem,[8] de Clarice Lispector, e de **Grande sertão: veredas**,[9] de João Guimarães Rosa.

Em **Perto do coração selvagem**, Clarice Lispector coloca o homem voltado unicamente para sua existência, abalada pelo esboroamento do mundo, analisada, entretanto, sob o ponto de vista do sujeito. Sujeito que procura desesperadamente sua identidade.

Joana é um ser isolado em si mesmo que, na solidão, tenta recompor os fragmentos de sua subjetividade. Sabe-os dispersos, mas se reconhece impotente para se auto-explicar e se revelar na totalidade da existência, porque sua essência resiste às palavras (p. 17 – 18).

Para Joana, contemplar a existência é inteirar-se de que viver é sofrer, de que o ser é em circunstâncias e que, mesmo imerso em si mesmo, padece a angústia metafísica oriunda do invólucro de misérias e de limitações que se lhe impõe o estar-no-mundo. Enxergar a existência é, para ela, descobrir-se e certificar-se de suas limitações. Sofrer é a prova cabal da existência. Enquanto se sofre, tem-se certeza de que se está existindo:

> *Mesmo sofrer era bom porque enquanto o mais baixo sofrimento se desenrolava tmabém se existia – como um rio aparte. (p. 44)*

Ao contrário de outras personagens, como Tônio Sántiago, em **O resto é silêncio**, ou Clara, em **Dias perdidos**, para quem a existência é a sonorização perfeita do contraponto dos seres, Joana é um **solo** no concerto das misérias humanas. Um **solo** de soprano em uma única nota, que não contraponteia com as notasseres que a circundam; representa, sim, o ser solitário na multidão dos seres objetivados. (p. 41).

Joana não se irmana com os seres-objetos-sons que perfilam a sua pauta, porque são eles incapazes de determinar os padrões de percepção e os sentimentos positivos ou negativos necessários à descoberta da existência. Estes seres-objetos-sons existem unicamente, independentemente de qualquer análise que deles se daça, independentemente de qualquer opinião que deles se possa formar. Eles simplesmente são. O que difere o ser de Joana dos seres-objetos de se dia-a-dia é a capacidade, precária embora, de se reconhecer em existência e, sobretudo, de envidar todos os esforços para explicá-la e reconstruí-la.

No ingente empenho de interligar as migalhas de sua individualidade, Joana submerge no silêncio e na natureza. Mas, Percebe que seu silêncio não é exclusividade dos humanos e, em decorrência, vê nos objetos o seu duplo, conforme sua auto-revelação:

---

8 LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro, Sabiá, 1971. 196 p.

9 ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974. 460 p.

Nesse instante eu estava verdadeiramente no meu interior e havia silêncio. Só que meu silêncio, compreendi, era um pedaço do silêncio do campo. E eu não me sentia desamparada. (p. 67)

Em contato com os objetos-entes da natureza, Joana se vê como sujeito e objeto, a um só tempo. Percebe-se esfacelada. Um ser que encerra duas personalidades decompostas e que se não conhecem; um ser que refugia em si mesmo e que se instala no seu duplo, mas que não o sustenta, porque incompleto: "Reencontrou a janela onde se instalava em companhia de si mesma." (p. 72-73). Incompleto pela impotência em conhecer profundamente suas duas faces e, conseguentemente, poder reconstituí-las na integralidadde do ser:

Na verdade ela sempre fora duas, a que sabia ligeiramente que era e a que era mesmo, profundamente. (p. 73)

A solidão revelara-lhe vários ângulos da existência, "a que sabia ligeiramente que era" e a que era profundamente. Mas, agora que "a que sabia que era" trabalha sozinha, "aquela mulher estava sendo infeliz". Mas, mesmo assim, diz o narrador, ela é feLiz, porque "nascera para o essencial, para viver ou morrer." (p. 74) Morta uma de suas partes, descobre que jamais fora ela mesma e, sobretudo, revela-se-lhe que "a personalidadè que ignora a si mesma realiza-se mais completamente' (p. 75). Viver, para ela, é esquecer-se. Mas, viver apenas, porque existir demanda ousadia, demanda conhecer-se, porque, mesmo desfazendo-se de uma de suas partes, sabe que "aquele trecho da vida era uma mistura do que já vivera com o que ainda viveria, tudo fundido e eterno." (p. 76) Portanto, jamais escapará à consciência da existência, porque saindo do sonho, volta-se irremediavelmente "a si mesma, numa queda vertical" (p. 78) e se angustia.

Em decorrência da duplicidade existencial da personagem – ora sujeito, ora objeto –, a estrutura temporal da narrativa se torna fluida, feita de rupturas e desequilíbrios. O tempo socio-histórico é ignorado. Joana é subordinada a uma duração que, não obstante seus **flashback**, opera uma espécie de tempo estandartizado em que se sente apenas uma intensidade, desligado de qualquer andamento. Quando, porém, se dá a passagem do objeto para o sujeito, desencadeiam-se os pensamentos e precipita-se a narrativa para o desfecho. No momento em que se revela o ser na existência, também o tempo se desvela, como se nos instantes anteriores, marcados pela angústia da procura, a câmara que projeta a vida no tempo se mantivesse sempre na mesma imagem.

Destarte, o narrador coordena a narrativa, mas se eclipsa perante o eu-narrador da personagem, deixando que sua consciência flua através do monólogo interior. Como ficou visto anteriormente, a personagem transita inconscientemente entre as categorias de sujeito e objeto da narrativa, sem ascender definitivamente à subjetividade, visto ser um ser dupliface que não se conhece totalmente. Ora, a face que ela conhece superficial-

mente é aquela revelada pelo narrador explícito. Constitui ela os instantes em que Joana se degrada à situação de objeto. Objeto, porque não consegue encontrar-se em plenitude na existência e, portanto, nesse estado, torna-se **memória do outro**. O não-ser só pode se aproximar do ser pela mão do outro, pela linguagem de um narrador que o transcenda. Por isso, o ser-objeto quando se conhece, seu conhecimento é superficial, incompleto.

Inúmeras vezes, no curso da narrativa, tenta a personagem ascender totalmente à condição de sujeito de sua história, ser sua **própria memória**, mas sempre o peso da existência a reenvia ao estado anterior, a uma existência que, à medida que a vida caminha, se fragmenta. Joana é um ser em pulverescência. Quando narra a própria história em seus monólogos interiores, mostra a profundidade de sua essência, mas essa se lhe escapa constantemente. Entretanto, o desfecho da narrativa se dá em um momento de encontro, não um encontro que a leva ao nada, mas um momento de ascensão plena à subjetividade em que o ser se manifesta em sua totalidade (p. 197-198). A identidade desconhecida, entanto, não é encontrada, porque lança-se ela para o futuro. Mas, pode-se perceber que o espelho da existência se desembaçou e ela conseguiu vislumbrar-se do outro lado, conseguiu ver-se em profundidade. Ver em proufundidade e buscar conscientemente a essência implica que a personagem assuma a condição de sujeito da sua história do princípio ao fim, como se verá em **Grande sertão: veredas.**

De qualquer modo, o jogo de primeira e terceira pessoas representa a potência e a impotência do ser em se refazer, em se construir na existência. Representa a subjetividade buscada até a profundiade ou a objetividade até o nada, até a impotência de fazer a própria história.

A singularidade de Riobaldo, ao contrário das demais personagens da moderna ficção brasileira, encontra-se no abandono e despojamento de personagem que lhe permitem descobrir no ser do mundo e nos conflitos eternos entre o bom e o mal a existência e a essência do humano. A postulação dessa descoberta, não obstante as falhas conclusivas, é o resultado de profundas reflexões filosóficas e teológicas que confluem, em última análise, para a existência do ser humano (p. 48-49).

A despersonalização de Riobaldo e, pode-se dizer, seu desligamento dos convencionalismos sociais – mesmo no mundo rústico do sertão –, mas sempre ligado aos outros e aos dados das culturas popular e teosófica, foram fatores decisivos para o encontro com a essência, com a vivência plena, embora no ocaso de si mesmo. Sob esse aspecto tem ele muitos pontos em comum com a trajetória percorrida por Roquentin na busca do ser e de essência, em **A náusea**, de Jean-Paul Sartre. O que distancia Riobaldo de Brás Cubas, ou mesmo de personagens de narrativas contemporâneas a **Grande sertão: veredas**, é que no ir e vir aquém e além das mi-

sérias humans atinge ele o mínimo e o máximo do ser, enquanto as demais não chegam a ascensão integral do ser em sua constante procura, mesmo se tratando de uma ascensão relativa, porque Riobaldo carrega em si a inconclusão inerente ao humano do ser. O pacto com o demônio possibilitou-lhe vencer o mal e efetuar a própria travessia, mas não o libertou das limitações inerentes à condição humana. Riobaldo, não obstante o encontro com o humano e a atravessia, isto é, a cpacidade de se superar, mantém-se dividido – afirma Antônio Cândido – entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo, "entre a realidade e a dúvida do pacto, dando-lhe o caráter de iniciado no mal para chegar ao bem",[10] ou para chegar à essência.

É de se notar, porém, que enquanto em Sartre a essência da personagem é a busca de sua liberdade, em Guimarães Rosa e na maioria dos modernos ficcionistas brasileiros a procura da essência extirpada do ser é sua própria essência. A narrativa se constrói fragmentariamente sobre o ser esfacelado que luta vãmente para se recontruir. E Riobadlo, desde o início, é um ser voltado para a travessia do ser, prefigurada pela travessia do São Francisco e, posteriormente, concretizada pela árdua transposição do Liso do Suassuarão que simboliza a própria existência.

O vaivém de Riobaldo no sertão da existência em busca da essência e do humano do homem repercute, de maneira clara, em seu **modus narrandi**. A sua indecisão e seus fluxos e refluxos sobre a existência e inexistência do bem e do mal estão configurados em seu fazer-se lingüístico. As deflexões da narrativa refletem as desconjunturas do ser de Riobaldo. Como o ser, a narrativa é como um "jogo de baralho, verte e reverte." (p. 77) "Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância" (p. 78).

Narrar-interpretar a profundidade da existência esfacelada é contar o sucedido seccionado, desalinhavado, desgovernado, em ir-e-vir, porque a essência perdida e a dúvida só se encontram, após muito ir, voltar, parar, cair, levantar no espaço-tempo do ser, como a imagem do bêbado de Machado de Assis.[11]

A preocupação do narrador na disposição dos fatos (p. 77-77 – 152) intercalando certas reminiscências ao fluxo narrativo, de tal modo que a narrativa padeça constantemente de continuidade, revela-se como a busca de sua reconstrução. O ser esfacelado, quando impossibilitado de se reconstruir na existência e no mundo, o faz através da linguagem.[12] Mas,

---

10 CÂNDIDO, Antônio. **Tese e antítese**. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1978. p. 135.

11 ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro, INl, p. 214 – 215.

12 RONSENTHAL, Erwin Theodor. **O universo fragmetário**. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1975. p. 37 a 52.

essa se desvela na essência do próprio ser, esfacelada e disjuntiva, como o ser que a utiliza, como o ser que se desnuda na narrativa.

Grande sertão: veredas é uma típica obra de narrativa fragmentária que traduz todo o patetismo do ser em busca da essência, porque o homem desessencializado não consegue mais se reconstruir na logicidade do discurso que, por sua vez, como diz Bella Josef, "não consegue mais criar a ilusão de uma unidade das coisas e do homem, ou melhor, o homem não consegue mais dominar a linguagem",[13] não consegue dominar a narrativa, não consegue dominar-se. A essência e o ser se lhe escapam, tal como a seqüência narrativa. Descobrir a essência e a existência implica atravessar o sertão da linguagem e o sertão da existência, para, do outro lado, reencontrar-se com a essência e concluir que "o diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia." (p. 460).

13 JOSEF, Bella. **O espaço reconquistado.** Petrópolis, Vozes, 1974. p. 23.